

ENTREVISTA COM HERICA AMARAL, PRIMEIRA MULHER PRESIDENTE DE UMA TORCIDA ORGANIZADA DO BOTAFOGO

Ana Caroline Lessa¹

A entrevista a seguir foi realizada em novembro de 2025, originalmente concebida como parte integrante da pesquisa etnográfica desenvolvida na dissertação de mestrado da autora, que versa sobre a Torcida Fogoró. Nos excertos selecionados, Herica Amaral compartilha sua trajetória na socialidade torcedora alvinegra, detalhando percursos pessoais, dinâmicas coletivas e sua ascensão à presidência da agremiação, tornando-se a primeira mulher presidente de uma torcida organizada do Botafogo de Futebol e Regatas.

A decisão de publicar esta entrevista parte da relevância simbólica da posição que Herica ocupa e da densidade analítica que suas reflexões oferecem aos estudos de futebol, gênero, torcidas e violência(s). Sua presença no comando de uma torcida organizada tensiona padrões historicamente masculinizados, inscrevendo sua experiência nos debates sobre representatividade, legitimidade e reconfigurações de hierarquias de gênero no esporte.

Ao longo do diálogo, Herica - ou “Hericão”, apelido amplamente utilizado por torcedores e também pela autora - articula com firmeza, clareza e humor suas percepções sobre a vida de arquibancada, gestão da torcida, tensões que atravessam este universo e desafios específicos enfrentados por mulheres nesse ambiente. Desse modo, a entrevista não apenas ilumina a trajetória particular de uma liderança feminina em um espaço tradicionalmente ocupado por masculinidades hegemônicas, mas contribui para ampliar o repertório empírico e teórico disponível aos estudos sociais do esporte, oferecendo uma lente privilegiada para compreender transformações recentes no campo das torcidas organizadas e suas disputas internas por legitimidade, visibilidade e poder.

A figura de Herica já inspira outras tantas mulheres a não apenas se engajarem nas torcidas, - como ocorre na própria Fogoró e em seu expressivo núcleo feminino - mas a buscarem posições de liderança dentro e fora da socialidade futebolística. Sua

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), na Unicamp.

liderança nos incentiva e abre um horizonte de possibilidades. Que sua presidência seja apenas a primeira de muitas lideranças femininas a ocupar, transformar e ampliar as vozes das mulheres nas arquibancadas.

1. Apresentação livre.

Meu nome é Herica Amaral, me chamam de Hericão. Sou microempresária, já sou avó (risos). Eu literalmente sou uma escolhida, na minha família não tem botafoguenses. Não sou botafoguense de berço, meu pai é muito vascaíno, *era* muito vascaíno. Tentou de todas as formas que eu fosse Vasco, mas não conseguiu: eu me apaixonei pelo Botafogo muito cedo e assumi essa paixão em meio a muitos desacordos da parte dele (risos), devido a torcida com a qual eu me apaixonei na arquibancada. Arquibancada sempre foi minha paixão, foi a primeira coisa que eu me apaixonei ao ver o Botafogo, ao vibrar com o Botafogo. É o que eu amo fazer, estar na arquibancada.

2. Há quanto tempo você está na Fogoró? Como chega e se envolve na torcida?

Eu estou na Fogoró desde a formação, sou uma das fundadoras da torcida. Não sei explicar como as coisas foram acontecendo, mas tudo que sempre fiz sempre foi com a paixão de estar na arquibancada. Fui a primeira diretora financeira da torcida, depois segui só com [diretoria de] caravana porque eu já fazia isso antes, quando era de outra torcida, e fiquei muitos anos nessa função... Depois um tempo mais afastada, voltei novamente [à diretoria de caravana] porque eu amo organizar caravana. Falo que caravana é o que pulsa o meu coração. Estar nas estradas com a torcida é incrível, viajar com caravana é incrível; organizar é mais incrível ainda. Sobre presidência... eu já tinha tido essa conversa, esse papo já tinha rolado antes. Eu achava que um dia poderia chegar o momento, ou não... mas não pensei estar preparada até então. Isso foi amadurecendo desde a última gestão, do Rodrigo, e seguimos conversando. Desde a penúltima gestão, na verdade, e nessa última, passamos a discutir mais firmemente sobre isso. Batemos o martelo nesse momento em que eu acreditei que, por fim, daria conta. Eu conheço tudo do funcionamento de uma torcida, ao longo desses treze anos da Fogoró. Como venho desde a fundação², aprendi de tudo, de verdade. Então falei, acho que tenho condições agora e aceitei o desafio de compôr a chapa. Fui eleita e tô aí (risos).

² A Fogoró é fundada em outubro de 2012.

3. *A Fogoró tem uma sólida participação das mulheres, inclusive com um núcleo feminino consolidado, extremamente presente e participativo. Como surge esse agrupamento e qual a importância dele?*

O alambique³ feminino surge desde a fundação da Fogoró! Era também eu quem puxava o Feminino naquela época. Eu falei do financeiro, falei de caravana, esqueci desse ponto. Inclusive a primeira bandeira do feminino é a Mary Jane, [personagem] do Homem-Aranha, que é meu apelido, da época em que eu era loira. Aí as meninas da época escolheram a Mary Jane como símbolo do feminino, devido à minha participação intensa. Só que fizeram a arte na versão loira. Essa bandeira ainda existe, mas foi aposentada, trocada por uma bandeira mais atual, reformulando a personagem que representa o feminino. Mas desde a fundação o [alambique] feminino está lá, e sempre foi forte, sempre. Eu sempre puxei muito outras mulheres para estarem com a gente... Já tivemos caravanas com ônibus inteiros quase só com mulheres, por exemplo. Nas caravanas atuais são as mulheres que tacam fogo (risos), que zoam, que bebem muito, que curtem, que aproveitam... as mulheres são incríveis na Fogoró desde sempre.

4. *Há diferenças entre o alambique feminino e outros núcleos femininos nas torcidas, sejam do Botafogo ou de outros clubes? Como se dá e, na sua opinião, por que isso ocorre?*

Eu não vejo muita diferença não, pra canil, alambique, esquadrão, hospício, barril⁴... dos femininos das respectivas torcidas [do Botafogo]. Em cada uma, realmente vejo um grupo de mulheres buscando conquistar seu espaço, e ter seu apoio em outras mulheres. Nós já vencemos muita coisa nesse meio, mas ainda precisamos nos fortalecer. E a gente só se fortalece nos unindo a outras mulheres que pensam como a gente, que querem estar ali torcendo, bebendo, apoiando, viajando... buscando esse espaço, com respeito. Eu vejo isso em todas as torcidas e considero como a principal função do feminino.

³ “Alambique” é o nome conferido às subdivisões da Fogoró, em alusão ao caráter *chopp* (Lessa, 2024). Com exceção do feminino, todos os outros se dão por divisões territoriais, por exemplo Alambique Zona Norte, Alambique Centro e Salvador.

⁴ São as divisões femininas das seguintes torcidas do clube, na ordem em que aparecem: Fúria Jovem do Botafogo, Torcida Jovem do Botafogo, Loucos Pelo Botafogo, Botachopp.

5. Você é a primeira mulher a ocupar a presidência de uma torcida organizada do Botafogo. Quais são as partes fáceis e as dificuldades nessa posição?

Sim, sou a primeira mulher a ocupar a presidência em uma torcida do Botafogo. Bom, eu sempre trabalhei em cargos de liderança, na minha vida pessoal. Hoje sou dona do meu próprio negócio. Gerir, administrar, pra mim, não é uma coisa difícil, devido à experiência. O que torna mais difícil, em torcida... eu costumo dizer que a gente é engenheiro de arquibancada, engenheiros de sentimentos, de pessoas. Administrar sentimentos é muito complicado. E a torcida é completamente passional. Nas boas ou nas más, eu, Herica, estou ali. Mas tem gente age diferente, que torce diferente. E é nesse momento que a gente, a agremiação, tem que “se virar nos trinta” para manter a arquibancada viva, para manter uma caravana rodando, para manter engajamento nas redes, para trazer o pessoal pra sede... Nosso trabalho é criar um movimento para gerar mais movimento. É difícil, desse ponto de vista, porque não se pode comandar o sentimento alheio, mas ao mesmo tempo é prazeroso ver as pessoas que estão ali agradecendo por não deixá-las parar. Isso é incrível.

A minha experiência nas partes boas e difíceis... são todas as melhores. Nas boas, é porque já foi feito um trabalho lá atrás que está dando resultado hoje. Nas ruins, eu aprendo a melhorar para que não aconteça esse mesmo erro. Posso errar erros novos - é sinal de que estou tentando evoluir, progredir. Tudo é aprendizado, e busco cada vez mais trazer avanços e melhorias para a torcida, para o componente, para o Botafogo. Existe uma hierarquia, e eu aprendi há muito tempo, que é: Botafogo em primeiro lugar. A gente só existe porque existe o Botafogo de Futebol e Regatas. Tudo que a gente faz é para e pelo Botafogo.”

6. Como é estar nesse lugar de destaque, liderança e representatividade?

Estar nesse lugar de destaque é uma “responso” gigantesca. No início fiquei um pouco preocupada, porque eu deixo de fazer as coisas só por mim. Você não faz isso por você, tem que fazer isso pela sua torcida. E por outras mulheres, não só da torcida, no geral. Eu entendo que passo a ser exemplo, é algo bacana. Tive uma preocupação inicial, sim, mas é bacana. Também é um aprendizado para mim, com relação a comportamentos, falas... Preciso adotar posturas que antes não precisava, por exemplo. Tudo isso são mudanças, e mudanças geram desconforto até a adaptação. Agora digo que estou cem por cento adaptada, estou feliz... Cada dia é um nervoso diferente, mesmo já estando a frente da torcida há muito tempo em outras funções, [estar] aqui é diferente. Mas

estou feliz. E gosto do que faço. Esse é o principal de tudo. Na verdade não, eu amo o que faço. Amo pelo Botafogo, amo pela Fogoró, amo por mim. É muito amor envolvido! (risos).

7. Os espaços de lideranças nas torcidas, nos clubes e na segurança pública são predominantemente masculinos. Como é sua relação com os homens da Fogoró, com lideranças de outras torcidas do Botafogo e de outros clubes, em espaços de deliberação e reuniões com o BEPE⁵?

A relação com os homens da Fogoró é muito boa. Todos me respeitam. A minha diretoria inteira já tinha me escolhido antes de ir [oficialmente] para a eleição. Eles quiseram estar comigo, fizeram questão de estar junto nessa gestão. Os componentes, todos os homens da torcida me respeitam, sempre me respeitaram. Hoje, além do respeito, noto um carinho especial, um cuidado diferente... acredito que até pela preocupação sabendo que existe um machismo, mesmo velado, mas existe o machismo [nas torcidas]. (...) Na Fogoró não enfrentamos esse problema, graças a Deus. Além disso, tenho uma relação muito boa com a SAF⁶, com o BEPE. No fim das contas, é sobre trabalho. Eu faço, entrego, cumprio o que tem que ser feito, o resultado vem e seguimos. Não é sobre ser mulher, é sobre capacidade. Estou ali para gerir. Se estou gerindo bem, fazendo o que tem que ser feito, seguimos. Nunca tive nenhum problema. Nunca percebi nenhuma repulsa [sobre mim] com relação a isso. Mas existe, sim, o preconceito velado por parte de outras pessoas... mesmo de outras torcedoras. Mas aí a gente se faz de maluca e segue (risos). Fofoca nunca vai acabar, não vamos agradecer a todo mundo. O importante é o trabalho ser feito pra torcida seguir em frente, cada vez mais sólida.

8. Seu marido é de uma outra organizada do clube, com bastante envolvimento na torcida. Como ocorre essa dinâmica?

Sim, meu marido é de outra torcida, a Fúria Jovem (risos). Nós temos uma relação muito boa porque eu já... bom, eu nunca *fui* Fúria Jovem mas já estive muito com a Fúria quando era bem mais novinha. Tenho muitos amigos lá, inclusive que me viram

⁵ O Batalhão Especializado em Policiamento em Estádios (BEPE) é responsável pela garantia de segurança nos estádios de futebol e em eventos esportivos de grande porte no Rio de Janeiro.

⁶ A Sociedade Anônima de Futebol (SAF) é um modelo de constituição de empresas voltada para o futebol no Brasil. Herica se refere, em especial, à articulação entre lideranças de torcidas e lideranças internas da SAF.

crescer em torcida. Me viram chegar muito nova, adolescente ainda, e hoje me veem presidente de torcida, é incrível demais. É incrível ter o apoio dessa galera, o apoio do meu marido... o que não falta é apoio. Da mesma proporção que tem gente que não apoia, tem gente que apoia - e muito! Então me apego nessa galera que têm energia positiva incrível de apoio.”

Referências bibliográficas

LESSA, Ana Caroline. Categorias do torcer e participação feminina em uma torcida chopp carioca. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 12, n. 24, p. 57–70, 2024.

SIMÕES SANTOS, Irlan; FERREIRA, Jonathan; PISANI, João Ricardo. Futebol, negócio e globalização: clubes brasileiros na nova era do multi-club ownership. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203847 , 2022.